

Legenda da imagem: A fotografia exhibe uma fiada de casas, paralelas à rua principal de Vila Verde, das quais se destacam as de telhados em cruz ou de oito águas, que pertenciam aos samarreiros¹ ricos. A sua construção, no início do séc. XX, remonta ao tempo em que Vila Verde prosperava com dinheiro do negócio de peles curtidas – a principal atividade económica das populações já nos séculos XVIII e XIX e que veio a tornar-se na primeira forma de indústria na aldeia, mantendo-se até aos dias de hoje.

A presente reflexão visa apresentar a forma como este caso *sui generis*, de uma pequena aldeia, nas faldas da serra da Estrela, impulsionou toda uma série de obras arquitetónicas que não ocorrem em aldeias com o mesmo número de habitantes e com recursos naturais semelhantes.

1. Esboço histórico

Distando onze quilómetros da sede do concelho – Seia – Vila Verde, subordinada à freguesia de Tourais, situa-se a noroeste da Serra da Estrela, a uma altitude média de 465 metros. Dispõe de uma localização privilegiada, pela proximidade à estrada que liga Nelas a Seia, ao caminho-de-ferro da Beira Alta e à estrada EN 17 Coimbra-Vilar Formoso.

As primeiras referências escritas, datadas do ano de 1527, do *Cadastro da População do Reino*, no tempo em que D. João III reinava Portugal, apontam Vila Verde como um pequeno lugar com apenas treze moradores, no ano de 1527.

Entre 1527 e 1758, a população de Vila Verde aumentou de 13 para 114 pessoas, facto que *Memórias Paroquiais* daquele ano constatarem – “Vila Verde está situada em campo e com capela de Santo António...”. O templo, situado no coração da aldeia, foi restaurado e ampliado no ano de 1732². Até aí existiria, no mesmo sítio, uma pequena ermida que, na época da chegada do ouro do Brasil, foi transformada numa capela que contempla, do mesmo período, um retábulo central, ao gosto do barroco nacional, em talha dourada.

Ainda no séc. XVI, na opinião de Antenor Santos, em *Vila Verde, Terra de Samarreiros*, iniciou-se a atividade do comércio e da curtimenta das peles por cristãos-novos que se terão refugiado na aldeia. Com a implementação da Inquisição no ano de 1536, os

¹ Samarreiro é definido como «um negociante de peles de carneiro com respetiva lã», pelo dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora.

² Antenor Santos, *Capela de Santo António – Vila Verde – Seia, 1732 a 2010*

cristãos-novos, para poderem sobreviver, refugiaram-se em localidades afastadas dos grandes centros, desconhecidas aos membros do Santo Ofício.

No entanto, foi no séc. XX que a atividade referida mais se desenvolveu, transformando-se no centro peleiro mais importante de toda a vasta região entre Alcanena, zona industrial de curtumes por excelência, e o distrito do Porto.³ Atualmente, a aldeia conta com cerca de quatrocentos e cinquenta habitantes.

1.1. Progresso e desenvolvimento urbano: os samarreiros

Foi sobretudo na região centro de Portugal que a designação de samarreiros se perpetuou e a aldeia de Vila Verde o local onde mais pessoas se dedicaram a esta atividade, apesar de haver, em outras localidades, quem se dedicasse à recolha de peles, que vendia depois, invariavelmente, aos samarreiros de Vila Verde. Além de Vila Verde, só em Coimbra e Santa Comba Dão houve indústria de curtumes das peles recolhidas.⁴

Apesar de esta atividade já existir em Vila Verde, foram as famílias Fragoso e Pedroso, esta última chegada a Vila Verde entre 1860-70, que a desenvolveram. A família Pedroso, de experientes negociantes, eram do concelho de Poiares. Para estes, trabalharam samarreiros e peleiros de Vila Verde que viram o negócio crescer, sobremaneira, durante a I Guerra Mundial.

«O que para a maioria foi uma calamidade de proporções grandiosas, para aqueles que conseguiram escapar aos combates foi uma oportunidade de ouro para enriquecer. Os comerciantes de lãs e peles viram subir em flecha os preços dos artigos que mercavam.»⁵

Através desta atividade económica é introduzida, assim, uma lógica de estruturação capitalista de pequena dimensão num meio rural, sem tradição industrial, típica dos pólos mais desenvolvidos do país, que giravam em torno do Porto e Lisboa. Os samarreiros, que trabalhavam com meios de produção próprios, são exemplo da força de trabalho individual (e da família), na criação de uma mais-valia, que lhes permitiu apropriarem-se do próprio trabalho excedente ou do resultante material dele.

Os samarreiros eram, neste contexto, possuidores dos meios de produção e trabalhadores em nome da própria empresa, que assim se dimensionava em moldes familiares, com a

³ Segundo o *Anuário Comercial de Portugal*, do Jornal Diário de Notícias, de 1959, havia, em Vila Verde, «corrente eléctrica com 220 V, duas agências bancárias dos bancos Borges & Irmão e Nacional Ultramarino, um encarregado de distribuição do correio, uma loja de fazendas, um ferrador, um depositário de gasolina e gasóleo, dois professores, seis proprietários, seis negociantes de lãs, sete fábricas de curtumes e vinte negociantes de peles além de seis proprietários.»

⁴ Antenor Santos, *Vila Verde, Terra de Samarreiros*

⁵ Op. Cit.

eventual angariação de alguma mão-de-obra assalariada. Desta concentração profissional resultou a congregação das diferentes funções da atividade fabril. Contudo, observa-se que, por um lado, os meios de produção não reverteram em capital a ponto de tornar estes empresários em capitalistas, em sentido estrito, nem, por outro lado, em meros trabalhadores-empresários, por não lhes ser exclusiva a função da força de trabalho. Diverge, assim, do modelo clássico capitalista, no qual estas funções, tipicamente, se repartem por pessoas diferentes. Desta forma, também se aproximam do artesão e do camponês, que produzem com os próprios meios de produção, explorando trabalho alheio. Nas duas situações se revêm os samarreiros de Vila Verde, inseridos em lógicas sociais e económicas divergentes, onde o capitalismo moderno teve alguma influência, associado ao modelo tradicional de exploração económica. É nesta medida que podemos considerá-los, mais propriamente, como pequenos capitalistas.

Estes progressivos fenómenos permitiram a obtenção de uma notabilidade, que, não se construindo por via da herança, foi resultante da realização pelo espírito empreendedor individual. No caso da realidade portuguesa, essa realização é, muitas vezes, satisfeita pela construção de casa própria, como forma de destacar o poderio económico alcançado⁶. Para além disso, introduziu-se uma mudança de relações sociais, pela transgressão do produto, do núcleo produtivo a compradores, que, oriundos de outras cidades portuguesas e europeias, chegavam à aldeia de Vila Verde. Antenor Santos relata-nos algumas situações de compradores que, chegados a Vila Verde de uma viagem longínqua, se estabeleciam nas casas dos samarreiros durante algum tempo⁷.

A mudança das forças produtivas e dos modos de produção (com a evolução tecnológica e com as exigências do mercado estes foram massificados), no apogeu da sua economia, um pouco antes e durante a I Grande Guerra, garantiram essa notabilidade alcançada pelo trabalho. E o desenvolvimento urbano de Vila Verde é, desta forma, protagonizado por estes samarreiros que aplicaram os ganhos adquiridos na construção de novas habitações, que marcam a maioria do edificado existente hoje.

«Muitas das belas casas em granito, ainda existentes em Vila Verde, foram construídas com dinheiro ganho nessa altura. Cada um construía melhor casa que o outro, num desafio, a ver quem mais ostentava.»⁸

⁶ Karl Marx, em *O Capital*, constata que a realização pelo trabalho é uma manifestação de segunda ordem, quando não se trata de sobrevivência pelo trabalho, e analisa o processo de cristalização do dinheiro, em particular na sua aplicação.

⁷ Jean Rémy e Liliane Voyé, em *A cidade: rumo a uma nova definição?*, debruçaram-se na definição do espaço rural pré-urbanizado e concluem que, entre as populações deste meio, os notáveis são os únicos a estabelecerem francas relações com o ‘exterior’.

⁸ Antenor Santos, *Vila Verde, Terra de Samarreiros*.

Numa situação análoga a que se assistia nas aldeias vizinhas - em que as casas de melhor arquitetura eram construídas pelos emigrantes brasileiros, que regressavam a Portugal, ricos - em Vila Verde, a produtividade, e a consequente riqueza, permitiu aos humildes samarreiros a construção de casa própria e ascender à qualidade de notável com papel ativo no progresso urbano da aldeia.

2. A indústria das peles: da faina artesanal à mecanização

Um certo progresso de relações capitalistas no campo, pela apropriação privada de zonas baldias e outras áreas comunais e compra de bens da coroa e pela fundação de unidades industriais manufatureiras de iniciativa particular⁹, conduziu à produtividade e à especialização da atividade económica em questão.

Desde meados do séc. XIX, que em Vila Verde a paisagem é pontuada por um conjunto de pequenas oficinas de curtumes, onde o trabalho se fazia todo à mão, e por uns tanques, ao ar livre, que serviam para curtir peles, por processos muito primários e em pequenas quantidades. Até eiras naturais, que marcam grande parte do território da Beira Alta, eram aproveitadas para a secagem das peles, quando esta se fazia ao ar livre. Antenor Santos descreve alguns processos dos curtumes à moda antiga:

«À matéria-prima para a indústria de curtumes sempre se deu (...) o nome de peles em rama ou peles em bruto. Estas apresentavam-se, em tempos idos, sempre secas. Era a maneira mais fácil de conservação, apenas secas ao sol e sem qualquer tratamento. (...) Peles penduradas ou estendidas a secar ao sol, com milhares de moscas a disputar os pequenos vermes que se formavam nas partes das peles que demoravam a secar. (...)

Uma pele, para ser curtida, leva tantas voltas, autênticas surras, que acrescentaram ao léxico da nossa actividade a palavra “surrador” como sinónimo de curtidor. Os peleiros e surradores de antigamente utilizavam, nas operações preliminares de curtume, todo o tipo de excrementos e, numa fase mais adiantada do processo, para dar macieza aos couros, usavam óleos de peixes, também quase apodrecidos (...). Uma vez deslanadas e bem lavadas em água corrente, as lãs passavam, depois, para o tanque da cal. Seguia-se o repelo, que consistia em raspar, com ferros não afiados, para não cortarem, as peles do lado do pêlo.»

Estes processos de fabricação resistiram, até muito tarde no século XX, à modernização. Para além disso, Vila Verde estava longe dos importantes centros industriais e, pelas dificuldades de comunicações, as técnicas de curtimenta, já utilizadas em Lisboa, Porto e Alcanena, eram desconhecidas.

Hoje em dia as peles são salgadas e conservadas em câmaras frigoríficas, das novas fábricas construídas, e a deslanagem faz-se com máquinas. Os excrementos e óleos de

⁹ Armando Castro, *Teoria do Sistema Feudal e Transição para o capitalismo em Portugal*, pág 63

peixes foram substituídos, inicialmente, por químicos, como os sais de crómio, e, mais tarde, por óleos vegetais. O transporte das peles para vender, que anteriormente era nos animais de carga e nas bicicletas pasteleiras, passaram a ser o automóvel, que os samarreiros, embalados pelos bons negócios, puderam adquirir.

3. A arquitetura urbana como reflexo do progresso económico

O que mais de significativo se realizou em termos de arquitetura em Vila Verde foram os espaços habitacionais. Estes, fruto dos ganhos da venda de peles curtidas, como já foi referido, possuem um telhado em cruz, ou com oito águas, que se constituiu como uma novidade no início do século XX. Trata-se, aliás, de uma tipologia arquitetónica tão restrita a esta área da Beira Alta que, no *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*¹⁰, não existe qualquer referência a esta forma de construção. Em Vila Verde contam-se, segundo constatei, cerca de nove casas com esta traça arquitetónica. Independentemente do tipo de cobertura, a organização espacial interior continua a assemelhar-se, com ligeiras diferenças, à casa serrana¹¹. É importante realçar que a maior parte destas construções foram erguidas na rua principal de Vila Verde, onde o automóvel acedia com facilidade.

Por isto, à origem de determinadas formas habitacionais e de organização de espaço urbano atribui-se uma explicação económica, que Amos Rapoport, em *House, Form and Culture*, procurou excluir como aspeto pouco determinante. Contudo, numa situação em que o trabalho numa única atividade económica abrange quase toda a população de uma aldeia, em que a relação com o sagrado e o local e em que o conhecimento do exterior possuem apenas pequenas *nuances* entre grupos sociais, os aspetos económicos e culturais sobressaem como razões para a emergência de uma forma tipológica distinta¹².

É minha convicção que a adoção desta modelo de construção terá permitido aos samarreiros uma forma de afirmação social positiva. Nesta lógica, os mesmos adotaram este tipo de casa – a de telhado em cruz - porque lhes permitia, desta forma, distinguir-se dos restantes, associando-se a um *cluster* familiar, isto é, a uma estrutura de grupo ou familiar, com incidência localizada.

¹⁰ Trabalho levado a cabo por Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo e João José Malato, nos anos 50 do século XX, com o intuito de documentar a arquitetura vernacular de Portugal.

¹¹ Descrita por R. de Villanova em *Maisons de Rêve au Portugal*.

¹² Para além disso, segundo Antenor Santos, nas aldeias vizinhas de Vila Verde existem menor número de casas de telhado em cruz: Seixo da Beira – três, Sobreda – duas, Paranhos da Beira – duas, Pereiro – uma, Tourais, Pradinho, Lapa e Figueiredo – zero.

4. Bibliografia

CASTRO, Armando, *Teoria do Sistema Feudal e Transição para o Capitalismo em Portugal*, Lisboa: Editorial Caminho, 1987

MARX, Karl, *O Capital*, trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, São Paulo: Círculo do Livro, 1996

RAPOPORT, Amos, *House, Form and Culture*, New Jersey: Prentice-Hall, 1969

RÉMY, Jean e Liliane Voyé, *A cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto: Afrontamento, 1994

SANTOS, Antenor, *Vila Verde, Terra de Samarreiros*, Seia: Porta da Estrela, 2007

VILLANOVA, Roselyne, Carolina Leite, Isabel Raposo, *Maisons de Rêve au Portugal*, Paris: Creaphis, 1994

Nota: As fotografias e desenhos que se seguem apresentados em anexo são da minha autoria.

Anexos:

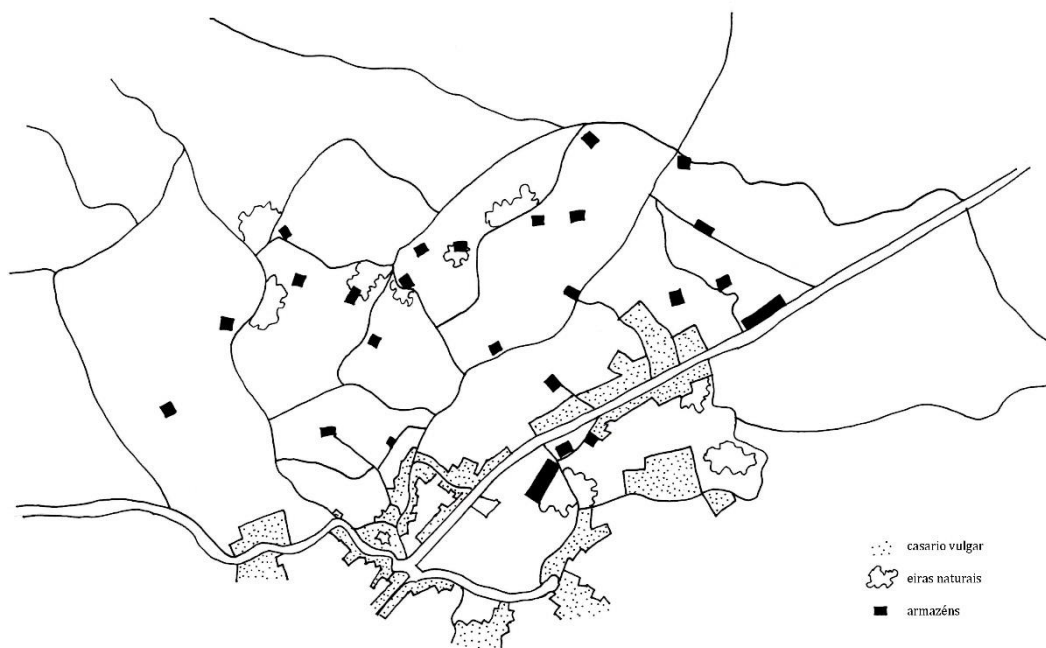


Figura 1 – Representação esquemática da organização urbana de Vila Verde, onde surgem destacados os antigos armazéns das peles e das alfaias agrícolas



Figura 2 – Exemplo de tanque usado nos processos tradicionais de curtimento das peles



Figura 3 - Exemplo de tanque usado nos processos tradicionais de curtimenta das peles



Figura 4 - Exemplo de tanque usado nos processos tradicionais de curtimenta das peles



Figura 5 - Exemplo de tanque usado nos processos tradicionais de curtimenta das peles



Figura 6 - Exemplo de tanque usado nos processos tradicionais de curtimenta das peles



Figura 7 - Exemplo de tanque usado nos processos tradicionais de curtimento das peles



Figura 8 – Sistema de transporte de água, necessária para a lavagem das peles



Figura 9 – Poços com sistema de nora, cuja água era utilizada na lavagem das peles



Figura 10 – Vista geral sobre vários armazéns das peles, tanque e nora de rega



Figura 11 – Antigo armazém, inserido no núcleo urbano



Figura 12 – Eiras naturais

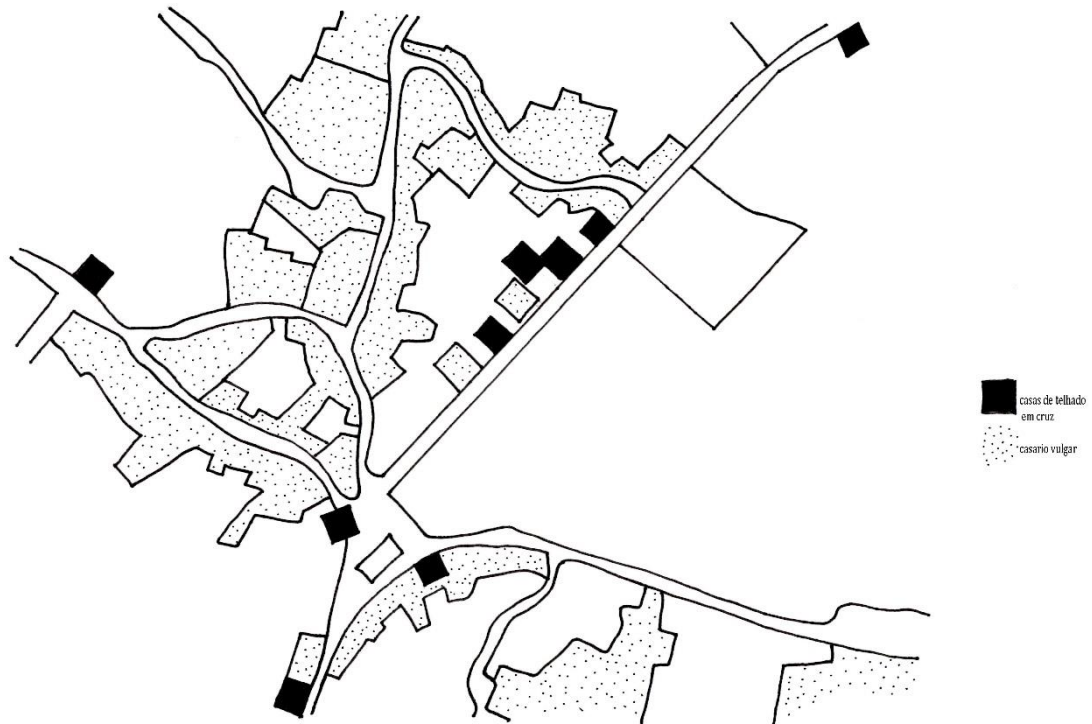


Figura 13 – Representação esquemática do núcleo urbano de Vila Verde, onde se denota a intenção de agrupar, em *clusters* familiares, os tipos de construções dominantes: a casa de telhado de oito águas e o casario vulgar



Figura 14 – Casas da rua principal de Vila Verde, onde figuram três exemplares de cobertura de oito águas



Figura 15 – Exemplar de casa de telhado de oito águas, junto à capela de Sto. António



Figura 16 – Casa de telhado de oito águas, junto ao largo da capela de Sto. António



Figura 17 – Vista aproximada do alçado principal de uma casa de telhado de oito águas



Figura 18 – Família Pedroso, impulsionadores da indústria do curtume das peles; fotografia do início do séc. XX, presente na obra *Vila Verde, Terra de Samarreiros*



Figura 19 – Peles salgadas em pilha num armazém atual



Figura 20 – Salgadeira de um armazém atual



Figura 21 – Processo atual de salgar as peles (I)



Figura 22 – Processo atual de salgar as peles (II)



Figura 23 – Processo atual de salgar as peles (III)



Figura 24 – Processo atual de salgar as peles (IV)



Figura 25 – Processo atual de salgar as peles (V)



Figura 26 – Pilha de peles salgadas



Figura 27 – Peles de bovinos salgadas



Figura 28 – Pilhas de peles em câmara frigorífica de um armazém atual



Figura 29 – Vista sobre a fábrica de curtumes Pelpus



Figura 30 – Peles em secagem



Figura 31 – Pilha de peles no seu estado final de acabamento, anterior à transformação em couro